



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MARGARETH TOMAZ DA SILVA NÓBREGA**

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2007**

**MARGARETH TOMAZ DA SILVA NÓBREGA**

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Antônia Lis de Maria Matins Torres.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2007**



N337f Nóbrega, Margareth Tomaz da Silva.  
A formação do professor alfabetizador / Margareth Tomaz da Silva Nóbrega.- Cajazeiras, 2007.  
41f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2007.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Formação de professor. 2. Professor alfabetizador. 3. Educação infantil. 4. Ensino fundamental. I. Torres, Antônia Lis de Maria Martins. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 377.8

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus alfabetizandos que foram a fonte inspiradora para a realização deste estudo

## AGRADECIMENTOS

A Deus, todo poderoso, a quem entreguei meu coração, aquele que vive e reina na minha vida.

A virgem Maria, de quem sou devota fiel e a quem invoquei nos momentos mais difíceis de minha caminhada universitária.

A meu esposo e filhos pelo apoio, paciência e compreensão. Obrigada por acreditar em mim. Amo vocês!

Aos meus familiares e colegas de turma, que de forma direta ou indireta se fizeram presentes durante a minha caminhada acadêmica.

A minha mestra e amiga Lis, pela paciência, dedicação e por muito ter contribuído para o meu crescimento profissional e intelectual.

---

**“Na escola dos meus sonhos cada criança é uma jóia única no teatro da existência, mais importante que todo dinheiro do mundo. Nela, os professores e os alunos escrevem uma belíssima história, são jardineiros que fazem da sala de aula um canteiro de pensadores”.**

**Augusto Cury**

## RESUMO

A presente investigação teve por objetivo principal investigar o processo de formação do professor alfabetizador da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr Thomaz Pires, na cidade de Sousa – PB. Algumas perguntas nos orientaram no decorrer da pesquisa, como: Como a não formação do professor alfabetizador se reflete na aprendizagem dos alunos? Quais os investimentos oferecidos pelo poder público para melhorar a atuação desses profissionais? Por que a alfabetização, que é a base de todo o processo de escolarização, é tão desvalorizada pelo poder público? Por que muitos profissionais não se dispõem a assumir uma turma de alfabetização? Por que as professoras alfabetizadoras, em sua maioria, são profissionais em fim de carreira? Para nossa fundamentação teórica buscamos renomados autores, entre eles destacamos: Libâneo (2000), Freire (1996), Pérez (2003). Nossa investigação está dividida em quatro capítulos, que nos levam a repensar nossa prática pedagógica de maneira crítica, a termos uma visão ampliada e sensível com relação a alfabetização. De início resgatamos um pouco da história da formação das professoras primárias e a questão da feminização do magistério e a mística da vocação. Em seguida, podemos analisar a importância da formação para o professor alfabetizador e o perfil das alfabetizadoras partindo de seus relatos, estes que demonstram o envolvimento pessoal que cada uma tem com a alfabetização, seu processo formativo e os saberes adquiridos pela experiência de anos em sala de alfabetização. Por fim, adentramos na sala de alfabetização e acompanhamos de perto a rotina da sala de aula, com suas muitas dificuldades e com suas muitas “delícias”. A somatória desses quatro capítulos que compõem nosso estudo é o resultado de muito trabalho e esforço na busca por aperfeiçoamento dos nossos conhecimentos acerca da temática. Diante do exposto, podemos concluir que é de fundamental importância a formação de qualidade para o professor alfabetizador, a reflexão aprofundada da própria prática pedagógica e a busca incessante pela formação continuada e mais investimentos por parte do poder público, como meios geradores de significativas mudanças para o sistema de ensino e para a (re) valorização da escola pública.

**PALAVRAS CHAVES:** Magistério, Formação, Qualificação.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

## CAPÍTULO I

1. A contribuição da Escola Normal na formação de professores primários ..... 15
- 1.1 Magistério – Necessidade ou vocação? ..... 17

## CAPÍTULO II

2. A importância da formação para o professor alfabetizador..... 19
- 2.1 Formação leva à reflexão da prática? ..... 21

## CAPÍTULO III

3. Perfil das Professoras Alfabetizadoras: história e memória  
(Relatos das alfabetizadoras)..... 22

## CAPÍTULO IV

4. Adentrando em uma sala de alfabetização..... 29

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

## REFERÊNCIAS

## ANEXOS

## Introdução

O processo de formação no início da escolarização de uma criança é de suma importância de modo que influencia diretamente em sua vida escolar. Diante disso, percebe-se a necessidade de se pesquisar a atual formação do professor alfabetizador bem como o perfil dos professores atuantes nas salas de alfabetização.

Para tanto, tomo como ponto de partida minha trajetória profissional enquanto professora alfabetizadora na Escola Estadual de Educação Infantil Dr. Thomaz Pires no município de Sousa-Paraíba. Lembro-me que ao entrar na sala de aula para ensinar pela primeira vez, senti muita insegurança, sobretudo por se tratar de uma turma de alfabetização com trinta alunos com idades entre seis e sete anos. Na época, tinha acabado de concluir o pedagógico e a pouca experiência. Na docência advinha das aulas de reforço escolar que ministrava em minha residência. Neste sentido, aquela experiência foi um desafio enorme, passei por muitas dificuldades dentre elas a falta de material, na maioria das vezes contava apenas com o quadro e o giz.

Quando entrei no quadro docente da escola, esta que acabara de ser estadualizada, e no momento enfrentava alguns contra tempos, não pude optar por outra turma, na escola tinha apenas duas turmas de alfabetização, uma das professoras, por motivo de saúde, teve que afastar-se da docência e, no momento, nenhum profissional do quadro se propôs a assumir a turma, a necessidade do emprego juntamente com o meu desejo em ensinar fizeram com que eu assumisse a turma de alfabetização.

Foi uma experiência muito interessante, aprendi na prática o que até então sabia apenas na teoria. Houveram momentos em que quase desisti, eram muitos os problemas, desde o controle da turma, que além de muito numerosa eram crianças vindas da periferia com sérios problemas na família, inquietos, sem concentração até os procedimentos metodológicos, muitas vezes eu não sabia qual a melhor maneira de trabalhar determinado conteúdo como na escola não havia supervisora, as angústias só aumentavam, mas, como sempre gostei de ensinar busquei aprimorar meus conhecimentos com outras professoras mais experientes na escola e, aos poucos superei essas dificuldades.

Foi refletindo o meu cotidiano em sala de aula, observando minha prática pedagógica e das minhas colegas alfabetizadoras, ouvindo e ao mesmo tempo compartilhando de suas angústias a respeito da indisciplina dos alunos, das dificuldades de concentração e aprendizagem que apresentam entre tantas outras, que me veio a necessidade de pesquisar e buscar compreender o processo de formação do professor alfabetizador, partindo das seguintes questões: Como a não formação do professor alfabetizador se reflete na aprendizagem do aluno? Quais as condições pedagógicas oferecidas para melhorar a atuação desses profissionais? Quais os investimentos oferecidos pelo poder público para a qualificação desses profissionais? Por que a alfabetização, que é a base de todo o processo de escolarização é tão desvalorizado pelo poder público? Por que muitos profissionais não se dispõem a assumir uma turma de alfabetização? Por que as professoras alfabetizadoras, em sua maioria, são profissionais em fim de carreira?

O que pude perceber tanto na instituição escolar em que trabalho, bem como em outras instituições públicas que tive a oportunidade de visitar, é que ocorre exatamente isso, as professoras alfabetizadoras geralmente são profissionais no fim da carreira docente. Com isso não quero desfazer das suas qualificações profissionais, pois sei que qualificação e compromisso é uma questão de querer, de ética profissional, do desejo de ser e de fazer o melhor. Apenas chamo a atenção para esse ponto porque considero a alfabetização uma fase de muita agitação que requer bastante agilidade, habilidade, disposição física e mental que pessoas que já vem de muitos anos de sala de aula, na maioria das vezes não tem.

Ressalta-se ainda o descaso das políticas públicas, voltada para a formação do professor alfabetizador, uma vez que não há um maior investimento para sua qualificação. Ocorrem periodicamente cursos de formação continuada, os quais são muito bons, mas são cursos de capacitação que muitas vezes não contempla aquele professor que realmente precisa atualizar seus conhecimentos, normalmente esses cursos são direcionados ao estudo de leitura e escrita e por si só não dão conta de preparar o professor alfabetizador. A exemplo do PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores), que é destinado a formação específica do professor alfabetizador e que não atende a todos os profissionais que desejam formar-se em alfabetizadores, por não ser realizado em todos os estados.

A formação a qual me refiro é a formação que prepara o professor para trabalhar com a alfabetização de crianças, ou seja, uma formação que resgate e valorize os saberes do professor, de forma a promover a reflexão sobre a ação educativa, que veja no professor a pessoa responsável no processo educacional e que o direcione para a área da alfabetização.

Portanto, este trabalho tem por objetivo investigar o processo de formação do professor alfabetizador. Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires, com três professoras que trabalham nas classes de alfabetização no turno manhã. O presente estudo está dividido em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, “A formação das professoras primárias na Escola Normal”, tratamos de resgatar a história e mostramos como se dava a formação das professoras primárias em tempos passados, como surgiu a escola modelo, como funcionava e quais aspectos da formação daquela época se fazem presente ainda hoje na Pedagogia Moderna. Ainda nesse capítulo fazemos o seguinte questionamento: “Magistério: Necessidade ou vocação?”. Colocamos em discussão a vocação uma mística que a maioria das professoras acreditam. Veremos também que a “formação leva a reflexão da prática”, professoras qualificadas estão sempre em busca do aperfeiçoamento de sua prática pedagógica.

No segundo capítulo, veremos “A importância da formação para o professor alfabetizador”, este que está na base de todo o processo de ensino, onde tudo começa, as primeiras letras, os sons da fala, a linguagem numérica.

O terceiro capítulo “O perfil das professoras alfabetizadoras: História da formação”, temos alguns relatos das professoras alfabetizadoras, sujeitos desta investigação, onde analisamos seus conceitos de formação e de profissão docente, seu envolvimento pessoal com a formação e a construção de suas identidades profissionais.

Por fim, o quarto e último capítulo “Adentrando em uma sala de alfabetização”, é todo o relato da experiência vivida durante o estágio supervisionado. Aqui são descritos os momentos mais importantes do estágio, um mergulho reflexivo na nossa própria prática pedagógica.

A soma dos quatro capítulos nos leva a refletir o processo de formação do professor alfabetizador e a necessidade de se buscar cada vez mais a formação continuada como um meio para se proporcionar o ensino de qualidade tão desejado nas escolas públicas.

:

## METODOLOGIA

Diante das nossas considerações teóricas, passamos a investigar, através de uma pesquisa de campo, a realidade da Escola Rotary Dr Tomaz Pires, no que se refere a questão do professor alfabetizador.

Partindo do pressuposto de que o processo complexo de alfabetização exige total dedicação, conhecimentos teóricos – metodológicos, reflexão crítica, ética e compromisso ensino, sentimos a necessidade de pesquisar sobre o nível e qualidade da formação do professor alfabetizador.

Portanto, esta pesquisa teve o caráter exploratório, já que, segundo Gonsalves, (2001, p. 65), “A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento das idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”.

Com relação aos instrumentos para a coleta de dados, optamos pela entrevista e questionário, no intuito de conhecer melhor o perfil das três professoras alfabetizadoras da Escola Rotary, que estiveram envolvidas em nossa investigação, para compreendermos aspectos relacionados à formação, práticas metodológicas, os dilemas enfrentados no cotidiano da sala de aula, que tipos de investimentos fazem para a melhoria de suas práticas, e ainda, que incentivos recebem por parte da escola e do Estado.

As entrevistas foram realizadas na própria escola, sendo gravadas todas as declarações das professoras, para logo em seguida, serem analisadas e inseridas no terceiro capítulo do nosso trabalho, no sentido de que, “A narrativa autobiográfica (...) revela-se como alternativa importante para a formação, da voz do professor, de sua história pessoal, de formação e de trabalho, como elementos de conhecimentos capazes de contribuir para o enriquecimento de seu bem-fazer docente”. (PÈREZ, 2003, p.36).

## **CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ROTARY DR TOMAZ PIRES – CAMPO DE PESQUISA**

A escola Rotary Dr Tomaz Pires, situada à rua Raimundo Pereira de Oliveira, s/n, Bairro Jardim Sorrilândia I, no município de Sousa – PB, foi fundada no ano de 1968 pelo Rotary Clube de Sousa, recebendo este nome em homenagem ao professor Dr Tomaz Pires de Sá, sócio fundador. Até o ano de 1989 foi publicado no diário oficial, o primeiro convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado, ainda no mesmo ano firmou-se convênio com a Prefeitura Municipal de Sousa.

No dia 31 de Outubro de 2000, por ato do então governador do Estado José Targino Maranhão, foi estadualizada conforme Decreto N° 21.436/2000, recebendo a designação de Escola Estadual Infantil e Ensino Fundamental Dr. Tomaz Pires, passando então por reforma. Tem uma área de 990m<sup>2</sup> construída e capacidade para atender uma população de 1.049 (um mil e quarenta e nove) alunos.

A primeira diretora foi a senhora Letícia Ramalho Diniz. Atualmente encontra-se ocupando o cargo de direção a pedagoga Maria de Lourdes Ferreira. Essa instituição de ensino é pública e conta com dependências externas e internas que não satisfazem às necessidades atuais de seus alunos, funcionários e comunidade em geral.

A escola não dispõe de área de lazer, quadra coberta, laboratório, sala de professor, sala de audiovisual e outras dependências que pudessem contribuir com a aprendizagem das pessoas envolvidas na instituição.

Conforme pesquisa feita, a escola dispõe hoje de 400 (quatrocentos) carteiras, 10 (dez) quadros de giz, 06 (seis) mesas, 01 (um) televisor, 01 (um) vídeo cassete, 01 (um) aparelho de DVD, 01 (uma) antena parabólica e material esportivo tais como: 03 (três) conjuntos de ternos esportivos, 01 (uma) rede de vôlei, 03 (três) bolas e 12 (doze) bambolês, que são trabalhados na educação física.

A instituição pesquisada dispõe de 1.972 (um mil novecentos e setenta e dois) livros didáticos, 1.200 (um mil e duzentos) livros paradidáticos, 30 (trinta) jogos pedagógicos, 06 (seis) mapas e 02 (dois) globos.

A escola ainda dispõe de material permanente como 130 (cento e trinta) cadeiras, 22 (vinte e dois) ventiladores, 12 (doze) armários, 09 (nove) estantes, 02 (dois) freezers, 02 (dois) fogões 05 (cinco) arquivos, 01 (uma ) geladeira, 01 (um) gelágua e 01 (uma) câmara d'água que atende suficientemente sua clientela.

Encontra-se na direção da Escola Estadual Infantil e Ensino Fundamental Dr. Tomaz Pires, a senhora Maria de Lourdes Ferreira, pedagoga há trinta e um anos nesta instituição. Na vice-direção está a professora Carmem Lúcia Queiroga da Silveira, que está a seis anos nesta função e há vinte e seis anos na escola e também nesta função a professora Francisca Liduína Elias Dinis, formada em geografia, está a seis anos nessa instituição.

A EEEIEF Dr Tomaz Pires conta com seu quadro docente com 41 (quarenta e um) professores, todos habilitados na faixa etária de 30 (trinta) a 55 (cinquenta e cinco) anos, predominando o sexo feminino, tendo uma remuneração que varia entre R\$ 350 a R\$ 600. alguns professores são prestadores de serviço.

A manutenção e limpeza da escola é realizada por (23) vinte e três funcionários com faixa etária de 25 a 45 anos, com remuneração de R\$ 260, sendo em sua maioria do sexo feminino.

O planejamento das atividades se dá quinzenalmente em horário oposto às aulas e é acompanhado pela diretora e supervisora pedagógica. A equipe pedagógica desta escola, fundamentada nas teorias sócio-construtivistas, elaborou seu PPP (Projeto Político Pedagógico), visando desenvolver ações que despertam no aluno o interesse pela construção de seu próprio saber, ampliando meios que ofereçam conhecer a sua história de vida, através de atividades que estimule a leitura de seu mundo, valorizando o conhecimento prévio do educando e elevando sua auto-estima.

A elaboração do PPP contou com a participação efetiva de todo o corpo docente e administrativo da escola depois de feita uma investigação sobre as reais necessidades

dos educandos, da própria instituição e da comunidade que também teve participação neste processo.

A escola e os pais mantêm um bom relacionamento estão sempre em contato, participando juntos do desenvolvimento dos educandos através de reuniões bimestrais com a finalidade de manter os pais informados quanto ao rendimento escolar de seus filhos. Acontecem também reuniões do conselho escolar para prestação de contas e informações necessárias e surgindo necessidades convoca-se reuniões extras.

O relacionamento vivenciado nesta instituição entre corpo docente, equipe técnica, funcionários e direção é relativamente bom, onde todos se unem num só objetivo, melhorar o trabalho, visando uma educação de boa qualidade.

## CAPÍTULO I

### 1. A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA NORMAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS

Revedo a história da criação da escola normal nos textos de Olinda (2005), compreendemos como se deu o processo de criação das primeiras instituições encarregadas de preparar professores primários, os problemas enfrentados desde sua fundação que muito se assemelham com os atuais, tais como: falta de recursos financeiros e materiais.

As escolas normais surgiram a partir da necessidade de pessoal habilitados para o magistério primário. Segundo Olinda,

A par da centralidade da escola nas sociedades modernas ou que pretendiam se modernizar, os estratos sociais intelectualizados responsáveis pelas decisões na esfera política e educacional se inquietavam com a falta de um espaço especializado para formar professores primários. (2005, p.24)

Muitos problemas foram enfrentados para a implementação da escola normal. No início nasceram atreladas aos Liceus onde acrescentava-se uma cadeira de Pedagogia ao currículo e a atividade prática realizava-se em alguma escola pública. Mas o sonho de ~~esse~~ ter um espaço próprio para a formação do professor primário deu continuidade aos debates e iniciativas por parte do Império em busca da autonomia das escolas. (Olinda 2005).

Muitas foram as discussões em torno da criação da escola normal, problemas de ordem financeira fizeram com que se defendessem a idéia da criação de uma escola modelo que serviria como substituto para escola normal. Na escola modelo os professores teriam espaço para estudo e aplicação, mas de acordo com Olinda (2005, p.27) a escola modelo jamais funcionou.

Em 1878 a escola normal teve sua primeira turma, num curso de três anos de duração encurtado para apenas dois devido dificuldades para contratação de professores. Logo a

escola normal tornou-se bem conceituada perante a elite, o que lhe conferia um caráter elitista, as moças das famílias mais importantes da sociedade se diplomavam na escola normal.

A escola normal seguia rígidos padrões morais de sua época, com aspectos fortemente disciplinadores, comandada por um diretor que detinha, desde atribuições pedagógicas, administrativas e financeiras, até a fiscalização dos professores em sala de aula para garantir que a programação dos conteúdos fossem seguidas rigorosamente.

As normalistas também estavam constantemente sob o olhar atento do diretor tanto dentro quanto fora da escola como forma de ~~esse~~ assegurar sua capacidade moral. Daí mais um motivo que afastou os homens do magistério primário, moças e rapazes não poderiam ficar juntos por muito tempo, era tido como pecaminoso na época.

Essa rígida disciplina da escola normal tirava a autonomia das professoras em sala de aula, como era possível formar as alunas sem considerar sua liberdade de interagir no processo de construção de conhecimento? Como formar o cidadão pleno em direitos e deveres se não lhes permite o direito de interagir? Neste sentido Olinda coloca que,

Com certeza os conflitos entre os professores eram profundos e permanentes: estimular a capacidade de observar, falar e fazer, mas impedir o pensamento divergente! Dar aulas práticas, mas em religioso silêncio! Propiciar a formação plena dos educandos, porém desconsiderando o aspecto corpóreo, sexual e de inserção social (2005, p.37)

As escolas normais na época em que foram fundadas se assemelham as escolas de freiras com tanto disciplinamento, disciplina esta que oferecia tanta credibilidade as famílias influentes da sociedade.

A questão salarial das professoras da escola normal de acordo com Olinda (2005) não era de insatisfação, geralmente eram pessoas que já vinham de famílias ricas ou casadas com alguém de influência na sociedade da época, o custo de vida não era caro, surge a “mística da vocação”.

As moças ingressavam no magistério mais por sacrifício, amor a pátria e vontade de colaborar com a formação da juventude. Quanto ao salário, Olinda afirma que “A

igualdade salarial entre os professores secundários e primários da escola normal foi mantida até 1918. a partir do regulamento aprovado naquele ano, vemos diferenciação de categoria com a criação dos catedráticos e mestres” (2005, p.39).

As condições materiais também causavam insatisfação, ou seja, não é de hoje que os cursos de professores enfrentam dificuldades sejam de ordem salarial ou de material, “estes terminavam por comprometer a implementação dos preceitos pedagógicos modernizantes que se ampliaram a cada reforma”. (OLINDA 2005, p. 48).

### 1.1 MAGISTÉRIO: NECESSIDADE OU VOCAÇÃO?

Será necessidade ou vocação que leva as mulheres ao magistério? Ou mesmo a sociedade e suas representações sociais acabam influenciando a mulher a enveredar pelos caminhos da docência? A vocação é mesmo uma mística, ninguém já nasce apto a desenvolver esta ou aquela função, as pessoas aprendem a gostar e a desempenhar bem a profissão que escolheram. Assunção nos coloca que

A ideologia da vocação expressa um conjunto de representações sociais que orientam a carreira profissional das mulheres rumo ao magistério, com isso, a consciência social do papel da educação na sociedade, e a visão do magistério como uma profissão estão, geralmente, ausentes e/ou comprometidos na prática pedagógica das professoras primárias. (1996, p. 17)

Historicamente, a sociedade reserva para a mulher papéis ligados ao lar, a família. No campo profissional, o magistério torna-se quase que uma extensão do lar, a mulher é por natureza um ser maternal, sensível, paciente, aspectos estes que se enquadram a docência, sobretudo a alfabetização. Olinda reforça que “A condição da mulher era de fato subalterna, estando reservada para ela a conquista de um bom casamento” (2005, p. 29).

De um modo geral o magistério constituiu-se como uma profissão eminentemente feminina, o homem no ensino primário é algo raro de se vê. Segundo Assunção, “Acreditam que o motivo que afasta o homem da docência no ensino fundamental seja o

salário recebido, uma vez que nenhum pai de família conseguiria sustentar uma família com o salário de professor primário”. (1996, p. 55).

Não só a questão salarial afasta o homem do magistério primário, mas todo o contexto social ao qual está inserido, Olinda (2005) nos mostra que a feminização do magistério, nasceu juntamente com a escola normal há muito tempo atrás devido aos padrões morais da sociedade da época. De acordo com Olinda “O advento das escolas normais e a disseminação de escolas primárias onde os professores eram mal remunerados, somando ao quadro social patriarcal e machista, formaram as condições favoráveis para a feminização do magistério” (2005, p. 29).

O interesse pela docência na maioria das vezes só é descoberto quando se começa a atuar na profissão. Particularmente nunca sonhei ou desejei ser professora, ao contrário, um dia pensei ser juíza, mas a necessidade me fez ensinar pela primeira vez e a partir daí não parei mais! Cursei o pedagógico e me surgiu a oportunidade de ensinar na rede Estadual de Ensino, onde permaneço a seis anos.

A profissão que eu não queria de jeito nenhum, hoje me dá prazer, muitos são os dilemas que enfrentamos a cada dia, mas sei que ser professora é isso, é construir-se a cada dia, elaborar e reelaborar os próprios conhecimentos. Ser educador é sem dúvida uma tarefa árdua mas ao mesmo instante prazerosa.

## CAPÍTULO II

### 2. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO PARA O PROFESSOR ALFABETIZADOR

Compreendemos que o processo de alfabetização da criança caracteriza a base de toda a sua formação escolar, é o início não apenas do letramento mas de todo o seu desenvolvimento cognitivo.

Desse modo, acreditamos que o docente alfabetizador possibilita a criança ampliar seu universo de leitura e escrita, acompanhando-a rotineiramente. Portanto, entendemos que o professor alfabetizador não deve ter formação meramente técnica, pois sua responsabilidade vai além do transmitir conhecimentos, sua formação deve tê-lo preparado para atuar com crianças pequenas que chegam a escola e se deparam com um ambiente diferente de sua casa, a qual está habituada, causando-lhe insegurança, estranhamento.

Nesse sentido, faz-se necessário um docente qualificado, experiente, com conhecimentos teóricos necessários, interligados a uma prática pedagógica segura. Como acrescenta Alves: “Formar um professor técnico e politicamente competente significa formar um professor que integre, em sua atuação, conhecimentos, habilidades, crenças, valores, emoções e comprometimento” (1995, p. 45).

Alfabetizar não é tarefa fácil, diante do complexo processo de alfabetização é que defendemos a necessidade de uma formação específica e de qualidade que profissionalize o professor alfabetizador, que o prepare e valorize. “Com muita frequência somos levados a acreditar que a prática docente depende diretamente da formação que os professores recebem”. (ASSUNÇÃO, 1996, p. 63).

Segundo Assunção (1996), uma formação de qualidade é fundamental para qualquer professor, porém, é indispensável que desenvolva seu trabalho de forma que promova

O crescimento intelectual dos educandos.

Entretanto, é importante ressaltar a contribuição do sistema de formação de professores que realmente prepare com bases teóricas e que promova a reflexão sobre a prática, certamente elevará a qualidade do ensino. Libâneo nos afirma que “Pensar num sistema

de formação de professores supõe, portanto, reavaliar objetivos, conteúdos, métodos, formas de organização do ensino, diante da realidade em transformação”. (2000, p. 82).

É interessante que haja uma reforma curricular para a formação de qualidade que os docente tanto necessitam (ocorra) que a prática esteja sempre articulada as base teóricas. Para que a profissionalização aconteça efetivamente, faz-se necessário que se invista na formação do professor, caso contrário a profissão torna-se ainda mais desvalorizada, o ensino perde a qualidade e a auto-estima destes profissionais da educação é afetada, o que muitas vezes leva ao abandono do magistério. De acordo com Libâneo, “Se é verdade que sem profissionalização fica difícil o profissionalismo, sem profissionalismo torna-se inviável o ensino de qualidade” (2000, p. 90).

O bom professor alfabetizador além de buscar inovação para sua prática pedagógica, deve assumir uma postura profissional, está ciente de que é seu o papel de encaminhar a criança a (re)descobrir o mundo, a pensar por si própria, construir seus conhecimentos considerando aqueles que traz consigo, redirecionando e ampliando-os dentro da realidade a qual está inserido. Neste sentido, Paulo Freire destaca:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente a escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária. (1996, P. 30)

Um professor que teve uma formação de qualidade está sempre atento às necessidades e interesses de seus alunos, os vê com afetividade, com respeito e procura oferecer sempre o seu melhor, porque é consciente de seu poder transformador e de sua capacidade de fazer a diferença.

]

## **2. 1 Formação leva á reflexão da prática?**

Freire (1996) nos deixa claro sua convicção de que é a formação permanente de professores que possibilita a reflexão crítica sobre a prática, que é só através do pensar certo, do movimento dinâmico na construção do conhecimento que se desenvolve um processo de ensino aprendizagem de qualidade.

Para o professor alfabetizador o nível de formação torna-se ainda mais necessária, uma vez que alfabetizar exige muito do professor, que precisa estar preparado para superar muitos desafios para obter sucesso e alcançar seus objetivos e isso dependerá diretamente e essencialmente de sua competência profissional, de seus conhecimentos lingüísticos e pedagógicos, da sua capacidade de trabalhar com crianças e reconhecer nelas seu potencial para aprender os conhecimentos transmitidos e valorizar aqueles que trazem consigo, podendo aperfeiçoá-los.

### CAPÍTULO 3

#### O PERFIL DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: HISTÓRIA DA FORMAÇÃO

Através de um questionário objetivo foi possível colher importantes informações acerca do processo de formação do professor alfabetizador, dadas pelas três professoras alfabetizadoras, sujeitos desta pesquisa.

Das três professoras pesquisadas, duas têm nível de formação na modalidade normal e médio. Duas professoras trabalham na rede estadual de ensino e uma trabalha tanto na rede estadual quanto na municipal, ou seja, tem carga horária de trabalho dobrada.

Duas tem carga horária de 100 (cem) horas. Duas professoras são veteranas na carreira docente, uma com dezenove anos e outra com vinte e um anos de sala de aula <sup>em sala de aula</sup> inicia-se ainda na profissão.

Duas das três professoras sempre trabalharam com alfabetização, uma já atuou em outras séries do Ensino Fundamental um. Quando foram indagadas quanto a sua identificação com a alfabetização a resposta foi unânime, todas afirmaram que sim. Quanto a formação inicial uma professora considerou sua formação satisfatória, uma muito satisfatória e uma considerou pouco satisfatória.

No que diz respeito a teoria e a prática pedagógica desenvolvida em sala de aula, cada professora deu uma resposta diferente, das três, uma acha que seu embasamento teórico está presente em suas atividades de maneira muito satisfatória, uma considera satisfatória e uma pouco satisfatória.

Quando foram questionadas quanto aos recursos materiais disponíveis na escola todas três mostraram-se satisfeitas, um ponto positivo para que a ação pedagógica aconteça verdadeiramente.

Com relação a participação em cursos de formação continuada, duas professoras afirmaram que participam sempre que tais cursos sejam oferecidos e uma disse participar frequentemente, o que demonstra o comprometimento destas professoras com

sua profissão. Segundo Pérez (2003, p. 117), “a formação de professores ganha forma em ações de treinamento, capacitação e reciclagem” e a partir daí se compreender melhor a prática docente.

As três professoras trabalham com recursos didáticos como forma de atrair o interesse e a atenção dos alunos, de dinamizar a aula. materiais como alfabeto móvel, livros paradidático,<sup>9</sup> revistas, DVD, material dourado foram citados pela professora.<sup>5</sup>

A entrevista realizada com três professoras alfabetizadoras nos revelou a garra, o compromisso e o amor pela profissão docente, três mulheres guerreiras que desde muito jovem dedicaram suas vidas a educar crianças e fizeram de seu trabalho mais uma fonte de prazer e de realização mesmo diante de tantos contratempos da vida.

Início com duas professoras alfabetizadoras veteranas na profissão, prof. B – dezenove anos também na maioria dos anos alfabetizando. Duas mulheres distintas mais com histórias de formação docente muito parecidas, ambas têm em comum o amor pela profissão.

A prof. C tornou-se professora alfabetizadora por ~~ocasião~~, não escolheu sua primeira turma, apenas aceitou e dedicou-se, foi o primeiro passo para que ela se apaixonasse pela alfabetização e permanecesse até hoje.

Com a prof. B não foi diferente, encarou a turma de alfabetização como um desafio e ainda enquanto estava estagiando decidiu que era com o ensino infantil que trabalharia. Assim deram início a construção de suas identidades docentes. Segundo Huberman (2000), são três AAA que sustentam o processo identitário dos professores: A de adesão, a de ação, A de autoconsciência. A de adesão implica em o professor aderir aos princípios e valores e a partir daí investir nas potencialidades das crianças; A de ação, o professor busca a melhor maneira de agir, a melhor metodologia e por fim, A de autoconsciência, onde o professor reflete sua ação pedagógica e o pensar e repensar de sua prática.

Nesta perspectiva, segundo seus depoimentos, é que se encontram as professoras B e C, anos após anos, partindo das experiência do cotidiano se firmaram como alfabetizadoras. Vejamos o que a prof. C nos coloca sobre sua compreensão de formação docente.

Na minha formação docente, eu acho assim, a teoria como foi adquirida no normal, achei que precisava melhorar mais, busquei o curso superior, mas agente também descobre que é a prática que nos faz e nos torna profissionais, fez com que eu me tornasse cada vez mais uma boa alfabetizadora.

Esta professora não nega a necessidade de estar preparada teoricamente para atuar na carreira docente, mas deixa claro que os saberes adquiridos com a experiência foram mais fortes na sua formação, este mesmo pensamento é compartilhado pela prof. B e pela jovem prof. A , que embora seja a que tem menos tempo como alfabetizadora (apenas sete anos) também comunga a opinião de que a experiência da sala de aula forma verdadeiramente o professor, vejamos o que a professora A coloca:

Minha formação deixou muito a desejar, eu não me senti bem preparada, eu tive que correr atrás, fiz alguns cursos, treinamentos, pesquisei bastante... se dependesse apenas de minha formação eu não estaria sendo uma boa professora alfabetizadora.

De acordo com Pérez (2003, p. 116),

Os saberes da experiência são saberes refletidos/praticados, produzidos na e pela ação cotidiana – subjacente à prática encontram-se conhecimentos e teorias sobre o ensinar e o aprender, que as professoras vão construindo ao longo de sua experiência profissional.

Percebe-se que o compromisso e a responsabilidade está presente nos depoimentos das três professoras, uma vez que cada uma, de sua forma, busca aperfeiçoar seus conhecimentos para oferecer um ensino de mais qualidade para seus educandos.

A prática pedagógica desenvolvida pelas três professoras está dentro dos aspectos inovadores, segue a orientação pedagógica da atualidade, busca motivar, atrair a atenção e o interesse dos alunos com atividades criativas e dinâmicas, considerado os conhecimento prévios dos alunos, levando-os a participar efetivamente das aulas, atuam de acordo com suas experiências e conhecimentos.

“Eu sempre procuro desenvolver a minha prática com compromisso, ética, responsabilidade e acima de tudo com amor pelo que faço”. Prof. B.

É fácil perceber nas falas das três alfabetizadoras seu envolvimento emocional com a alfabetização, as três mostram-se apaixonadas por essa turma, mas ao mesmo tempo se percebe a vontade de acertar, de estar com seus conhecimentos pedagógicos atualizados e a importância dos saberes adquiridos com a experiência nos muitos anos como alfabetizadora. As professoras B e C, veteranas, deixaram claro o quanto a formação do professor alfabetizador é importante e como foram entrelaçando, seus conhecimentos teóricos aos saberes construídos a partir da experiência em sala de aula.

A teoria adquirida com minha formação docente foi apenas como se eu descobrisse um caminho a seguir, agente sabe que necessita dessa informação, desses conhecimentos, no entanto, é a prática, o dia a dia, que nos assegura e nos faz cada vez mais concretizar nosso trabalho como profissional, como alfabetizadora que tem a segurança pedagógica como espelho. (Prof. C).

A professora A, ainda iniciante na docência deixou transparecer sua preocupação em atualizar seus conhecimentos, tendo em vista ter considerado seu processo de formação docente inicial não satisfatório. “Sinto que minha formação docente não me preparou como deveria e é por isso que busco pesquisar, renovar meus conhecimentos, pois gosto muito de ensinar e desejo ser uma boa professora”. (Prof. A).

As reflexões das professoras vão de encontro ao que o mestre Freire (1996, p. 22) nos coloca quando “a formação docente e a prática educativa-crítica, ou seja, “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

Nesse sentido, percebe-se que os pensamentos das três professoras estão alinhados dentro de uma mesma perspectiva, investir na sua formação para desenvolver um trabalho de mais qualidade para o educando.

Em se tratando de investimentos, as alfabetizadoras demonstraram que fazem cursos de formação continuada quando estes são oferecidos, adquirem livros, fazem pesquisas, dentro do possível esforçam-se para oferecer um ensino de qualidade. “eu procuro investir sendo uma pesquisadora ativa, sempre busco metodologias novas para trabalhar com meus alunos”. (Prof. B).

“Eu procuro fazer cursos de formação continuada, gosto de pesquisar em diferentes livros, ler, participar de seminários e em nossos planejamentos tem a hora do debate, reflexão, discussão, do aprender com o colega, com suas experiências” (Prof. C).

A partir destes relatos podemos compreender o esforço das professoras em tornarem-se dinâmicas, criativas, não estacionaram seus conhecimentos no comodismo. Pérez ressalta a importância de ser um professor pesquisador.

Formar professores-pesquisadores de sua própria prática é colocar em diálogo os saberes produzidos na prática cotidiana da sala de aula com a pesquisa acadêmica. Saberes praticados, fazeres pensados, articulação prática-teoria-prática que abre outras perspectivas de compreensão do trabalho e da profissão docente tanto para o pesquisador-professor, quanto para o professor-pesquisador. (2003, p. 119).

Sabemos que as escolas públicas passam por sérias dificuldades, o investimento do poder público é insatisfatório para que se ofereça um ensino de qualidade, falta desde estrutura física, materiais didáticos até a orientação pedagógica para os professores, quando se trata de professor alfabetizador a situação fica ainda mais complicada, vejamos alguns relatos.

“A secretária de educação, os diretores, os governantes precisam valorizar mais o professor alfabetizador, precisam perceber a alfabetização como um momento único e decisivo para o sucesso escolar do aluno”. (prof. A).

Para aceitar uma turma de alfabetização é preciso muito amor pela profissão e coragem, porque a gente enfrenta muitos problemas desde a falta de valorização do professor em termos de remuneração, a insuficiência de materiais, a falta de participação da família e, dentro da própria escola, há alguns profissionais que não valorizam a alfabetização e muitas vezes confunde esta fase como um momento de brincar. (Prof. C)

Não é por acaso que as escolas públicas estão desvalorizadas e desacreditadas, como a escola pública pode oferecer um ensino de qualidade se os professores não dispõem das condições mínimas necessárias para trabalharem? Sua baixa auto-estima causada pela falta de incentivo, de valorização a sua profissão é também fator importante nesse processo de “descontentamento” pelo ensino público.

Contudo, mesmo diante dos dilemas cotidianos, as três alfabetizadoras buscam oferecer seu melhor, construíram ao longo de suas experiências suas identidades. De acordo com Pérez ,

A atividade docente se desenvolve em condições sociais e institucionais diversas e desiguais, portanto, a autonomia da professora é um processo que só pode ser concebido como uma construção plural-pautada numa multiplicidade de saberes – que se traduz numa diversidade de fazeres. (2003, p. 89).

Nessa perspectiva, as professoras alfabetizadoras pesquisadas, mostram-se determinadas, sentem prazer pelo que fazem e por isso buscam aperfeiçoarem-se. “Vejo a alfabetização como um desafio por sua complexidade e espero que venham cursos de capacitação, porque para mim, aprender nunca é demais”. (Prof. B).

O professor que é consciente de seu papel enquanto educador está sempre exigindo de si, pois sabe que é um agente transformador da sociedade, e que não pode parar e esperar que as mudanças sociais aconteçam, o professor não é um telespectador passivo, é um autor, um construtor, é ele quem conduz pequenas crianças a serem cidadãos críticos que não só estão no mundo, mas que interagem com o mundo ao qual vivem, ao qual podem mudar.

Para tanto, o professor além dos conhecimentos básicos precisa ser não só comprometido e responsável, mas precisa desenvolver um trabalho mais humano, de mais afeto. Conforme Pérez, “A afetividade tem uma dimensão política e pedagógica – as crianças das classes populares necessitam encontrar um apoio afetivo que lhes ajude a resistir/lutar pela construção de uma outra experiência de mundo. (2003, p. 68).

O sentimento afetivo para com os educandos e o encantamento pela profissão se faz presente nos relatos das três professoras, porém o que mais nos chamou a atenção foi o da professora C, vejamos o que ela nos coloca.

Estou na turma de alfabetização há muitos anos e a cada ano que passa é como se fosse o primeiro, é a mesma sensação, a mesma emoção, o mesmo desejo de elevar conhecimentos, a cada ano vivido acumulo experiências e faço uso dessas experiências para melhorar minha prática pedagógica cada vez mais e mesmo diante das

dificuldades da profissão docente, alfabetizar para mim é a melhor opção.

Podemos verificar no relato da professora C, a sua sensibilidade e que apesar de ser uma professora em fim de carreira docente apresenta-se cheia de vontades e prazer em alfabetizar, estar no fim da carreira docente significa apenas que é uma profissional rica em experiências, muito capaz, e que ainda tem muito de bom para oferecer.

## CAPÍTULO IV

### ADENTRANDO NUMA SALA DE ALFABETIZAÇÃO

Durante o estágio supervisionado realizado da Escola estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr Thomas Pires, foi possível observar a prática pedagógica de três professoras alfabetizadoras, perceber a importância de sua formação e as contribuições desta formação em suas práticas pedagógicas na sala de aula, identificar as condições de trabalho acessíveis, e desta forma, podemos ultrapassar o nível do conhecimento teórico para nos aprofundar um pouco mais no cotidiano da prática escolar.

Para tanto, necessitamos esclarecer que as professoras alfabetizadoras na verdade atuam na primeira série, a escola pública infelizmente não acompanha o currículo da primeira série regular como acontece nas escolas de rede privada, ou seja, os alunos são alfabetizados na primeira série, este é um dos aspectos que favorecem a desvalorização do ensino público.

Logo de início percebemos a falta de condições estruturais da escola, começamos o estágio com um dia de atraso por falta de carteiras, aconteceu em nosso primeiro dia o tumulto característica de todos os anos, o vai e vem de alunos que se estendeu durante as três primeiras semanas.

Nas primeiras aulas se deu a socialização da turma, embora algumas crianças já se conhecessem foram realizadas várias atividades com esta finalidade, as dinâmicas trabalhadas em muito favoreceram para que as crianças se descontraíssem e ficassem a vontade com as professoras.

Testes de sondagem da aprendizagem foram realizados com os alunos e pode-se detectar suas dificuldades. Crianças entre sete e oito anos, vindos das turmas de educação infantil mas que pareciam estar vindo a escola pela primeira vez, este que foi um dos pontos discutidos na primeira reunião realizada com os professores e a direção da escola, na oportunidade a diretora leu para as professoras o estatuto enviado pela Secretaria de educação do Estado trazendo algumas justificativas e exigências legais. Como por exemplo, o número de alunos por sala de aula, sem considerar as condições

reais de trabalho dos professores, nesse momento entrou em discussão a qualidade do ensino, como oferecer um ensino de qualidade com salas de aula super-lotadas? Como ser criativo, realizar atividades diferentes e inovadoras, se quase não há material didático disponível?

É lamentável que os professores primários não possam expressar suas opiniões antes de elaborarem documentos que determinam como a Educação deve caminhar, se os saberes e experiências dos professores fossem considerados e valorizados, se a realidade das crianças das camadas populares tivessem um olhar especial por parte do poder público, certamente a escola pública estaria num patamar diferente do que se encontra. A escola que prima por quantidade e no entanto não está estruturada para receber tantos alunos põe em risco a qualidade do ensino.

As turmas de alfabetização passam por inúmeras dificuldades, principalmente a falta de material didático, como stêncil para rodar as atividades. Alfabetizar exige muita criatividade, dinamicidade do alfabetizador, sua interação com o aluno, seu entusiasmo, sua atitude confiante, encorajadora fazem toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem. Decodificar letras e números já é por si só muito difícil para a criança e se além dessa dificuldade o professor não estiver envolvido com o aluno os problemas tendem a se agravar.

Um outro fator que contribui muito para as dificuldades das crianças é a falta de acompanhamento em casa, como são crianças carentes, na maioria das vezes, os pais são analfabetos e não tem condições de pagar aulas de reforço, alguns estão fora de faixa etária, alunos retidos, o que torna o nosso trabalho ainda mais complexo.

O professor alfabetizador precisa ser muito dinâmico e criativo, foi pensando em passar os conteúdos de maneira mais envolvente que realizamos várias atividades que atraísse a atenção de toda a turma, que promovesse a aprendizagem de forma espontânea e prazerosa. Trabalhamos muito a oralidade através de músicas, poemas, contos, trabalhamos também a expressão corporal na aula de recreação, utilizamos ainda diferentes jogos educativos, como: jogo da memória, baralho silábico, dominó com palavras e desenhos entre outros, o resultado foi bastante positivo, as crianças se divertiam e ao mesmo tempo aprendiam a ler e escrever algumas palavrinhas.

Foram trabalhados diferentes textos, além do livro didático, revistas, jornais, histórias infantis, cantigas de roda, adivinhações, assim, cada aula passou a ser mais interessante, menos monótona e bem mais “cansativa” para a professora que fica a todo o tempo se movimentando, mas o melhor é que o objetivo das aulas foram alcançados com sucesso.

Com o estágio percebemos com mais clareza que de nada adianta reclamar das professoras anteriores, da família ou do próprio aluno, não devemos procurar “culpados” pelo fracasso anterior nem pelas dificuldades de aprendizagens, não podemos perder tempo, precisamos fugir do conformismo e do comodismo e seguir em frente, caso contrário estaremos repetindo os velhos erros e promovendo mais fracassos.

Precisamos ser conscientes das influências sócio-culturais na hora de avaliarmos as dificuldades dos nossos alunos para só então definirmos as melhores estratégias para atingirmos nossos objetivos.

Na primeira reunião de pais e mestres do ano, compareceram bastantes mães, mas infelizmente as mães dos alunos mais “danadinhos” e com mais dificuldades de aprendizagem não compareceram, é sempre assim, isso só mostra o quanto essas crianças são carentes e de onde parte a dificuldade de concentração, o “pouco” interesse pelo estudo. A vida dessas famílias é marcada por muito sofrimento, por muitas necessidades e tudo se reflete diretamente na aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, alfabetizar para mim é uma arte, é preciso amor, dedicação, muito estudo, coragem para não desistir frente aos inúmeros dilemas cotidianos, “Não importa o tamanho dos nossos obstáculos, mas o tamanho da motivação que temos para superá-los”<sup>1</sup>. É essa motivação que busco sempre e que me reanima quando a auto-estima está baixa, todos os educadores necessitam alimentar-se dessa motivação para oferecerem um ensino de qualidade, o ensino que todas as crianças merecem.

---

<sup>1</sup> CURY, Augusto Jorge. Pais brilhantes professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou ainda mais a necessidade de termos nas escolas públicas professores qualificados preparados para trabalhar dentro da realidade educacional a qual está inserido e dispostos a mudar essa realidade, se auto-avaliando, refletindo sua prática pedagógica, não desistindo de seus ideais.

Hoje podemos compreender melhor as dificuldades de aprendizagens dos alunos, com um olhar sensível às suas limitações, buscar solucionar estas dificuldades não precisamos ficar presos a experiências frustradas ou procurar culpados pela deficiência do aluno que chegou a primeira série sem estar devidamente preparado. O mais importante é desempenhar com responsabilidade e compromisso o papel de mediador e facilitador da aprendizagem, fazer o quanto possa para levar o aluno a ter sucesso.

As experiências do estágio abriu nossos olhos para muitos pontos que até então nos passava despercebido, por exemplo, aquela criança que está sempre num canto da sala, solitária, calada, por que ela tem esse comportamento? Então nos aproximamos e percebemos a carência daquela criança, carência de tudo, afetiva, alimentícia; ou ainda, aquela criança inquieta, sem concentração, violenta, aparentemente desinteressada e de repente percebemos que são crianças apenas na idade e no tamanho, mas que desde cedo enfrentam problemas de “gente grande”, é diante desta realidade que precisamos ter uma boa formação para sabermos como trazer esse aluno para o meio, caso contrário, estaremos promovendo a exclusão e o fracasso escolar.

Aprendemos que um olhar diferenciado pode mudar e facilitar o nosso trabalho enquanto alfabetizadoras desde a elaboração das atividades, a escolha de portadores de texto até a nossa forma de ver e sentir o nosso aluno, a criança que passará todo o ano letivo ao nosso lado e que depende da qualidade do nosso trabalho para se desenvolver bem na sociedade a qual faz parte.

Evidenciou-se ainda com a experiência do estágio o quanto um professor devidamente qualificado faz a diferença para que a aprendizagem do aluno aconteça mais facilmente, não só a metodologia na transmissão dos conteúdos mas a própria postura da alfabetizadora diante dos alunos, sua segurança teórica tem poder transformador.

Em caso contrário, a não formação de qualidade do professor pode atrapalhar ou mesmo prejudicar o processo de aprendizagem dos alfabetizandos, uma vez que alfabetizar implica em investir no conhecimento prévio dos alunos, valorizar seus saberes aperfeiçoando-os e ampliando-os, desta forma, como um professor vindo de uma formação insatisfatória dá conta de realizar um bom trabalho? A resposta infelizmente é negativa, ninguém oferece aquilo que não tem. Quando não se participa de uma formação qualificada fica impossível se oferecer um ensino de qualidade.

O desafio que se coloca para o educador alfabetizador é exatamente no que se refere a segurança teórico-metodológica, a reflexão sobre a própria prática, a busca por cursos de formação continuada, investimento mais que necessário para a construção da identidade profissional, a superação das dificuldades encontradas no cotidiano da sala de aula, a tomada de consciência individual, a busca por caminhos que priorizem a construção do conhecimento de tal maneira que seus esforços se reflitam positivamente na aprendizagem dos alunos.

Podemos verificar na prática das três alfabetizadoras, sujeitos dessa pesquisa, seus esforços em aprimorar seus conhecimentos e uma vontade muito grande de levar seus alfabetizandos a terem sucesso mesmo diante de todos os dilemas enfrentados pela escola e pelas próprias crianças.

Agora, podemos compreender melhor porque a maioria dos educadores primários não aceita uma turma de alfabetização, é que a responsabilidade é imensa e para ser alfabetizador é preciso ser um pouco de tudo, é preciso ser artista mesmo não tendo talento, saber desenhar mesmo que sejam só rabiscos, saber cantar mesmo sem ter uma bela voz, ser palhaço mesmo sem ter o dom da comédia, ser meio pai, meio mãe, ser tia (...).

É pena que o poder público não perceba a beleza que há por trás do momento da alfabetização das crianças e não valorize os professores alfabetizadores, não invistam na sua qualificação. Com isso, sai perdendo a escola pública, todo o sistema de ensino e a sociedade.

Durante o estágio foi possível observar criticamente nossa própria prática pedagógica e nossos procedimentos metodológicos. Percebemos ainda, a necessidade de revermos nossa formação inicial e de buscar a formação continuada.

Deste modo, sabemos que é preciso aprimorar nossos conhecimentos, observar onde erramos e procurar acertar. Neste estágio foi possível renovar conceitos e mudar atitudes. Consideramos o resultado bastante positivo.

## REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda (org)/ Linhares, Célia... [et al]. Formação de professores: Pensar e fazer. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. Magistério primário e cotidiano escolar. Campinas – SP, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUBERMAN, Michael: O ciclo da vida profissional dos professores. IN: Nóvoa, António. Vida de professores. 2ª ed. Portugal. Porto Editora, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

NÓVOA, António. (org). Profissão Professor. 2ª ed. Portugal: Porto Editora – 1999.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. Formação integral do educando no tempo da Escola Normal. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora LTDA, 2005.

PÉREZ, Carmem Lúcia Vidal. Professoras alfabetizadoras: histórias plurais, práticas singulares. Rio de Janeiro – DP&A, 2003.

# **ANEXOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

## ROTEIRO PARA ENTREVISTA

O objetivo deste estudo tem por finalidade analisar a prática docente do professor alfabetizador. Portanto, solicitamos que colabore com nossa entrevista, o qual terá um caráter eminentemente acadêmico. Dessa forma, informamos que será mantido sigilo sobre os dados pessoais dos professores que participaram da referida pesquisa.

- 1- Como você tornou-se alfabetizador?
- 2- Qual a sua compreensão de formação docente?
- 3- Como você desenvolve sua prática pedagógica em sala de aula?
- 4- Que relação você faz entre o que aprende, a sua prática e a construção do ser professor alfabetizador?
- 5- Com base em sua experiência, como você avalia as condições de trabalho dos professores alfabetizadores?
- 6- Você participa ou já participou de algum curso de formação continuada? O que você acha desses cursos?
- 7- Como você se vê enquanto professor alfabetizador?
- 8- Que investimentos você faz em seu trabalho como alfabetização?
- 9- Como você concilia o tempo para preparação das atividades?

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

## Caro Professor (a)

Este questionário tem como objetivo coletar informações referentes a importância do processo de formação do professor alfabetizador nas séries iniciais do ensino fundamental. neste sentido a sua colaboração ao responder o referido questionário é de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso trabalho.

### QUESTIONÁRIO

1. Qual o seu nível de formação?

( ) Modalidade normal

( ) Ensino médio-científico

( ) Ensino médio-profissionalizante

( ) Superior completo

( ) Outros \_\_\_\_\_

2. Qual a rede de ensino que você trabalha?

( ) Municipal

( ) Estadual

( ) Privada

3. Carga-horária de trabalho

( ) 100 horas

( ) 200 horas

4. Há quanto tempo você alfabetiza? \_\_\_\_\_

5. Sempre trabalhou com alfabetização? \_\_\_\_\_

6. Você se identifica com alfabetização?

( ) Sim

( ) Não

( ) Um pouco

7. Sua formação inicial contribuiu na sua prática de modo:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Pouco satisfatório
- Insatisfatório

8. No que diz respeito a teoria e prática, você considera que ambas estão presentes em suas atividades pedagógicas de forma:

- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Pouco satisfatório
- Insatisfatório

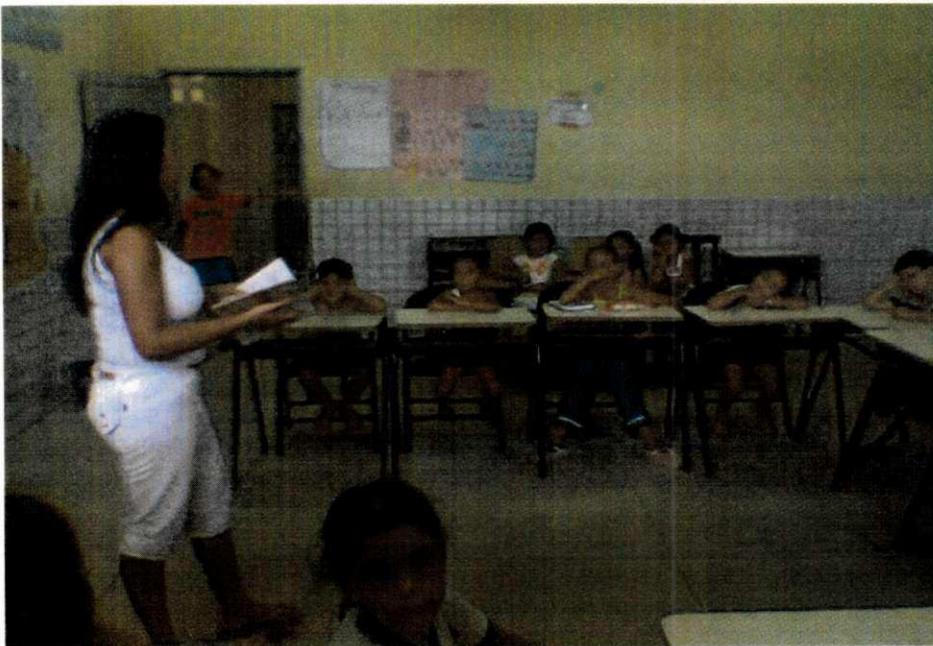
9 Quanto aos recursos materiais disponíveis na escola você está?

- Muito satisfeita
- Satisfeita
- Pouco satisfeita
- Insatisfeita

## Momento da leitura



## Trabalhando a oralidade



### **Encenando o texto**



### **Orientando a atividade**

